

NEGÓCIOS EM REDE

Este suplemento é da responsabilidade do departamento comercial da Cofina Media, é parte integrante do Jornal de Negócios n.º 3227, de 8 de Abril de 2016, e não pode ser vendido separadamente.

Prémio Empreendedorismo e Inovação
Crédito Agrícola 2016

Terceira edição premeia dinamismo e qualidade da agricultura portuguesa



Prémio CA 2016

Jornada de optimismo lança Prémio CA 2016

Estimular uma nova geração de agricultores portugueses, para quem “a inovação já se tornou uma constante”, foi a pedra de toque do primeiro seminário que marcou o arranque da terceira edição do Prémio Empreendedorismo e Inovação do Crédito Agrícola.

S

São palavras do ministro, testemunhadas por cerca de duas centenas de participantes no primeiro seminário do Crédito Agrícola, nas Caves Ferreirinha, em Vila Nova de Gaia, na passada sexta-feira: no final desta semana, Capoulas Santos quer ter “contratados os primeiros mil projectos” no âmbito do PDR 2020, o Programa de Desenvolvimento Rural comunitário, para o período de 2014 a 2020.

No caso, serão 263 milhões de investimento. Em lista de espera continuam contudo 23 mil projectos, uma “abundância que impede de os aprovar a todos num só ano”, sendo que alguns até “esgotam a capacidade do programa até 2020”, com uma dotação total na ordem dos quatro mil milhões de euros.

Para trás, estarão já os atrasos que marcaram o arranque do novo programa comunitário. Ficaram as explicações do ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural. Foram ultrapassados “constrangimentos informáticos” e “as transições de quadros comunitários, que são sempre um processo complicado. E este não foi excepção.”

Daí que, justificou Capoulas Santos, os dois últimos anos tenham passado quase “sem execução” do PDR 2020. O que até será “normal”, em 2014, mas já “preocupan-

te”, em 2015. Agora, é “necessária maior dinâmica, para que este ano possamos ter finalmente uma execução a 100%”. Ou seja, aprovar e aplicar a dotação anual na ordem dos 600 milhões de euros, que inclui 90 milhões de co-financiamento nacional, entretanto incluídos no Orçamento do Estado. Mais 50%, face aos apenas 60 milhões destinados a esse fim, em 2015.

Adiantamentos

Mas enquanto não estão contratados os projectos de investimento em explorações agrícolas, na agro-indústria e de apoio a jovens e pequenos agricultores, o dinheiro continua longe do sector. Daí o apelo do ministro ao “Crédito Agrícola e a outras instituições financeiras para apoiarem projectos com aprovação, que ultrapassem a dotação do PDR 2020 nesse ano”.

Ou seja, sustentando haver “grande intenção de investimento na agricultura” e que “os agricultores honram os seus compromissos”, Capoulas Santos desafiou a banca a “avançar com montantes para projectos que têm garantida a sua aprovação”, sendo “depois ressarcida quando os mesmos forem aprovados no ano seguinte”.

A possibilidade de adiantamentos por parte da banca aos empresários do sector primário surge assim como um acelerador para recuperar o tempo perdido. Porque, para o ministro, existe uma meta e um rumo traçado. “Nos quatro próximos anos, há que manter o sector a crescer ao ritmo da última década, que foi o dobro do verificado no resto da economia.”



Crédito Agrícola inicia debates sobre o sector agrícola nas Caves Ferreirinha, Vila Nova de Gaia.

Um passo acelerado para atingir a promessa constante no programa do Governo, de “alcançar num horizonte de cinco anos, o equilíbrio da nossa balança comercial agrícola em valor”. Por exemplo, “duplicando os mil milhões de euros de exportações de frutas e legumes até 2020”.

Inovação

Ao crescimento das exportações agrícolas não é alheia a existência de “uma nova geração de empresários, adaptada às novas tecnologias e com domínio de línguas estrangeiras”. A convicção de Licínio Pina, presidente executivo do Crédito Agrícola, foi inteiramente secundada pelo ministro, para quem “a inovação já se tornou uma constante na agricultura nacional”, a qual já não é “uma actividade com pinceladas de medievalidade”.

Por esta ordem de razões, “é para promover esta nova agricultura que o Crédito Agrícola lança estes seminários e prémios”, segundo

Licínio Pina, para quem os “agricultores portugueses estão, de facto, a fazer história”.

Na primeira de uma série de seminários que vão percorrer o país, pelo terceiro ano consecutivo, ficou expressa a aposta “no jovem empresário rural que combate a desertificação apostando nas suas terras”. Palavras de quem preside ao “banco da agricultura, líder de mercado, que integra uma companhia que nunca deixou de segurar colheitas” e que registou um aumento de “12,7% no crédito”, detendo “22,9% de quota no sector primário”.

Querendo estimular “novas ideias, novas tecnologias, parcerias com universidades e politécnicos”, Licínio Pina apresentou a edição 2016 do Prémio Empreendedorismo e Inovação Crédito Agrícola, cujas candidaturas decorrerão até 1 de Julho. Em Novembro realizar-se-á a Cerimónia de Entrega de Prémios, num seminário, com presença confirmada de Capoulas Santos. Palavra de ministro.



Mais investimento

Subiu a parada! Na sua terceira edição, o Prémio Empreendedorismo e Inovação do Crédito Agrícola vai atribuir no total uma verba de 40 mil euros: 5 mil euros para o vencedor de cada uma das seis categorias e 2.500 euros para as quatro menções honrosas.

Além de condições especiais em linhas de financiamento do Crédito Agrícola para os projectos vencedores, estes terão ainda direito à divulgação de um vídeo promocional na cerimónia de entrega dos prémios, no mês de Novembro, em Lisboa.

As candidaturas estão oficialmente abertas, desde o primeiro dia de Abril, e prolongam-se até às 18h do dia 1 de Julho.

Nesta edição, há seis categorias: “Produção e Transformação”, “Comercialização e Internacionalização”, “Investigação e Desenvolvimento Tecnológico” e “Desenvolvimento Rural”, às quais acrescem as de “Jovem Empresário Rural” e “Projectos de Elevado Potencial promovidos por Associados do Crédito Agrícola” que, à semelhança da edição de 2015, serão um reconhecimento especial a candidatos incluídos numa das categorias anteriores, dispensando-se assim uma candidatura autónoma.

O concurso é público e tem como objectivo seleccionar, divulgar e premiar projectos inovadores nos sectores da agricultura, agro-indústria, floresta e mar. As candidaturas devem ser feitas na página, na internet, do Prémio Empreendedorismo e Inovação (www.premioinovacao.pt), onde se disponibiliza toda a informação necessária.

“A agricultura tornou-se uma actividade ‘sexy’”

O crescente fascínio pelo sector foi a ideia marcante na conversa alargada ocorrida no seminário organizado pelo Crédito Agrícola, em Gaia.

Frase dita e repetida por alguns intervenientes, no auditório das Caves Ferreirinha, parece não haver dúvidas sobre a existência de uma espécie de “sex appeal” da actividade agrícola em Portugal. Que pode estar aí para durar. Com as agruras e os desafios próprios de uma qualquer relação.

Receitas de sucesso precisam-se para crescer num mercado cada vez mais aberto. Daí o repto lançado pelo moderador Luís Mira de Silva, presidente da INOVISA, aos intervenientes no painel: como criar uma empresa de sucesso? Respostas prontas não faltaram, com ideias frescas. Por exemplo, a de Amândio Santos, de venda online de ovos para a China, “o país onde são mais caros, enviados numa caixa dourada, ou prateada, capaz de provocar a sensação única no consumidor, de que o ovo acabou de ser posto pela galinha”.

Com o exemplo bem-disposto, quis o presidente da associação PortugalFoods sublinhar que “o consumidor actual valoriza emoções e sensações”. E lembrou que “o sector agrícola não pode estar desligado do e-commerce”, até porque há “negócios de nicho que podem ser rentáveis, se forem únicos e se se conhecer bem o mercado”.

Olhando as exportações, também Manuel Évora, presidente da associação Portugal Fresh, tomou o gosto ao desafio. Se o negócio passar por fruta, legumes e flores nada como se apoiar “no chavão de que têm a melhor cor, sabor e textura”. Uma verdade, segundo o próprio, porque em Portugal, “o

tempo que medeia entre a floração e a frutificação é o ideal”.

Além da qualidade produtiva, outros conselhos foram aventados pelos restantes participantes. Para um negócio frutuoso são sempre necessários “parceiros que tragam conhecimento avançado”, no dizer de Pedro Silva, coordenador da TECMinho, e que sejam “estratégicos para a ideia”, na opinião de Ana Paula Xavier, da Federação Minha Terra, segundo a qual “há que ter coragem para pensar fora da caixa”. E tudo isto sem esquecer a necessidade de “estudar, entender e saber mais do que todos sobre o que se pretende fazer”, a receita de Martin Stilwell, CEO do HIT Group, um caso de sucesso no

“

A banca olha a agricultura e o agro-alimentar como um sector mais estável, depois de ter visto o que aconteceu no imobiliário.

AMÂNDIO SANTOS,
presidente da PortugalFoods



Da esquerda para a direita: Rui Neves, moderador, Jornal de Negócios; Luís Mira da Silva, moderador, presidente da INOVISA; Manuel Évora, presidente da Portugal Fresh; Amândio Santos, presidente da PortugalFoods; Pedro Silva, coordenador da TECMinho; Martin Stilwell, CEO do HIT Group; Ana Paula Xavier, Federação Minha Terra.

mercado mundial dos concentrados de tomate.

Futuro

Imagine-se um “drone” a sobrevoar uma plantação de tomate, a colher informação sobre a cultura e a enviá-la para o smartphone do agricultor. Parece ficção, “mas é uma tecnologia que está a ser validada e que irá estar disponível nos próximos anos”. Na óptica do português Martin Stilwell, este futuro que se aproxima será “uma solução para regar menos, adubar quando necessário e garantir sustentabilidade”.

Avanços tecnológicos têm aliás alimentado o sector do tomate em Portugal, “uma actividade que estava moribunda no fim dos anos 1980”. Segundo Stilwell, “sobreviveram os optimistas”, que souberam aproveitar dois momentos decisivos. Um primeiro, no início dos anos 1990, com “a rega gota a gota, uma tecnologia israelita, que hoje é banal, em que os portugueses foram pioneiros a usar na cultura do tomate”.

Mais tarde, o novo milénio apresentou-se com uma subida do preço do petróleo. Num sector em que “o custo da energia pesa”, a solução da empresa que dirige foi a de criar “uma nova máquina, com construtores italianos, capaz de evaporar o tomate mais depressa e com mais eficiência”. Conclu-

são: “Reduzimos custos em 30%.”

Espremidos os resultados, Portugal produz hoje “quatro vezes mais tomate do que no início dos anos 1990”, nas contas do CEO do HIT Group. Em grande medida, segundo Stilwell, por ter percebido que “o factor mais importante na inovação é a abertura à mudança e depois o conhecimento”.

Mercados

Se a inovação e a tecnologia são fundamentais para o sector primário, o debate mostrou também haver “um grande passo entre o que se pode demonstrar em laboratório e um produto vendável ou um processo industrializável”, nas palavras de Pedro Silva, coordenador da TECMinho.

Admitiu o investigador haver “um desfasamento entre as universidades e o mercado”. Deu como exemplo, o caso de um produto capaz de substituir corantes têxteis, “com tecnologia limpa, mais barato, em que se esperava uma start-up de sucesso, mas que ainda não foi vendido. E entretanto os investidores saíram.”

Para esta dificuldade contribuiu também, segundo Pedro Silva, “a falta de condições financeiras das universidades para chegar aos mercados em tempo útil”. Uma situação que melhorou em 2008, com “uma maior dotação orçamental” por via do QREN

SEMINÁRIOS DE NORTE A SUL

Bragança	15 de Abril
Castelo Branco	29 de Abril
Portalegre	18 de Maio
Tavira	22 de Junho
Lisboa	Novembro

(Quadro de Referência Estratégica Nacional).

Falando também de dinheiro, Amândio Santos, da PortugalFoods, foi claro ao considerar que, “hoje, a banca olha a agricultura e o agro-alimentar como um sector mais estável, depois de ter visto o que aconteceu no imobiliário”. Ou seja, mesmo em tempos de crise, “as empresas do agro-industrial não foram privadas de crédito, mas tiveram de o pagar”.

Certo é que, em tempos “havia banca que não conhecia o sector”, segundo Amândio Santos, “o que não era o caso do Crédito Agrícola”. Um reconhecimento que foi ainda mais efusivo por parte de Manuel Évora. De pé, aplaudiu a actuação da instituição financeira, como “o grande parceiro, o grande amigo e o grande responsável por a Portugal Fresh ainda existir”.

Prémio CA 2016



ENTREVISTA

“Vencedores das edições anteriores têm sucesso”

No arranque da terceira edição do Prémio Empreendedorismo e Inovação, o presidente do Conselho de Administração Executivo do Crédito Agrícola, Licínio Pina, deseja que a iniciativa possa promover a inovação no sector primário.

Reeleito recentemente para um segundo triénio (2016/2018) à frente da Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo, o primeiro mandato de Licínio Pina foi pontuado pelo Prémio Empreendedorismo e Inovação.

Engenheiro florestal de formação, o presidente do Conselho de Administração Executivo do Crédito Agrícola defende, em entrevista a este especial Negócios em Rede, que essas distinções nas áreas da agricultura, agro-indústria, floresta e mar estão a ajudar a dinamizar o sector primário nacional.

Da primeira para a segunda edição, o número de candidaturas ao Prémio Empreendedorismo e Inovação decresceu, de 133 para 102. Será isto um sinal de enfraquecimento do tecido empresarial português no sector primário?

O fortalecimento do empreendedorismo no sector primário não deve ser medido pelo número de candidaturas apresentadas, mas sim pelas suas valias económicas e de inovação, que permitam às empresas acrescentar valor ao seu negócio.

As empresas premiadas nas edi-

ções anteriores revelaram ser boas apostas, continuando a manifestar dinâmica empresarial, ou houve casos de insucesso, devido aos problemas da economia nacional?

Os projectos vencedores das edições anteriores têm tido sucesso, tendo o nosso prémio contribuído significativamente para o seu desenvolvimento e implementação.

Que perspectivas tem o Crédito Agrícola para a edição 2016 do Prémio Empreendedorismo e Ino-

vação: mais candidaturas? Mais projectos com sucesso empresarial comprovado?

A nossa expectativa assenta essencialmente na qualidade dos projectos apresentados. Queremos que esta nossa iniciativa possa promover a inovação no sector primário.

Como instituição de crédito particularmente bem posicionada ao nível do sector primário, na óptica do Crédito Agrícola, quais são os maiores problemas e desafios que se colocam aos empresários desse sector?

Os desafios principais dos nossos agentes económicos do sector primário são a competitividade e a inovação, que permitem criar sustentabilidade aos negócios.

Considera que a aplicação de fundos comunitários no sector primário tem sido bem operacionalizada pelos governos ou há falhas que podem ser colmatadas?

Tudo pode ser melhorado! Estamos praticamente a meio da aplicação dos fundos do Portugal 2020 e o grande desafio dos governantes é conseguir dar resposta a todas as solicitações apresentadas pelos agricultores.



Os desafios principais dos nossos agentes económicos do sector primário são a competitividade e a inovação, que permitem criar sustentabilidade aos negócios.



Vemos como positivo o movimento de consolidação que permita às instituições dar respostas mais eficientes ao mercado e permita uma melhor concorrência.

Resultados positivos em 2015 reafirmam resiliência do Crédito Agrícola

Num momento particularmente agitado no sector financeiro, com perspectivas de concentração ao nível das instituições bancárias, o Crédito Agrícola está atento a “oportunidades que se encaixem no nosso modelo e na nossa estratégia”. Peremptório, Licínio Pina considera que “o modelo de negócio é a grande razão da resiliência” do grupo financeiro cooperativo que dirige, hoje com 675 agências.

O Crédito Agrícola aumentou os seus lucros em 2015, em mais 52% face a 2014. Considera que a instituição soube ultrapassar a crise económica que se abateu sobre o país e a Europa. Qual foi a receita desse sucesso?

A instituição sempre se preparou para os tempos difíceis. O nosso modelo de negócio é a grande razão da nossa resiliência.

Nos resultados de 2015, pode-se considerar que o negócio bancário, com uma subida de 130% face a 2014, foi a grande alavanca do crescimento do Crédito Agrícola e o novo rumo do seu negócio?

A grande alavanca do negócio do Crédito Agrícola foi a grande dedicação e empenho de todas as Caixas Agrícolas, materializado pelas pessoas que as dirigem e nelas trabalham, com um grande esforço na prestação de um serviço bancário único no país face à sua atomizada rede.

Tendo sido goradas as negociações para a compra da rede BBVA-Portugal, o Crédito Agrícola continua interessado em crescer através da aquisição de outros bancos?

Se houver oportunidades que se encaixem no nosso modelo e na nossa estratégia, sim, estamos.

Como vê o Crédito Agrícola as perspectivas de concentração na banca portuguesa, tendo em linha de conta os problemas conjunturais e estruturais da economia nacional?

A banca nacional está a passar por novos desafios, cuja concentração é um deles. Da nossa parte, vemos como positivo o movimento de consolidação que permita às instituições dar respostas mais eficientes ao mercado e permita uma melhor concorrência.

A perspectiva da “espanholização” da banca nacional, sentida como uma potencial ameaça por sectores da sociedade civil e do poder político, incluindo o próprio Presidente da República, preocupa o Crédito Agrícola?

Não preocupa. Se os bancos necessitam de capital, pois que sejam capitalizados por quem puder e estiver disponível, dentro das regras de mercado. Não vejo nenhum domínio de Espanha. Já temos investidores de várias geografias, portanto, não sei qual a preocupação.

ENTREVISTA

“Vamos promover a recuperação do tempo perdido”

Com a promessa de executar os fundos comunitários a 100% no corrente ano, o ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, Capoulas Santos, mantém-se firme em atingir a auto-suficiência em valor até 2020 no sector agrícola, tendo em conta a trajectória de crescimento que tem vindo a ser traçada na última década.

Ministro da Agricultura pela segunda vez, após ter desempenhado o cargo num dos governos de António Guterres, o histórico socialista alentejano, sociólogo de formação, mostra-se crítico face à herança deixada pelos anteriores executivos na execução dos programas de apoio ao sector agrícola.

Agora, aposta fortemente no trajecto ascendente das exportações portuguesas ao nível do sector primário, razão pela qual “estão abertas negociações com 23 países, tendo em vista a abertura desses mercados”, como salienta em entrevista a este especial Negócios em Rede.

Até que ponto as baixas taxas de execução do PDR 2020, recentemente assumidas pelo Ministério (0% em 2014, 12% em 2015), colocam em risco o crescimento do sector primário português e a competitividade das empresas nacionais?

A criação de riqueza e de emprego teriam ganho se este programa tivesse tido uma execução adequada nos dois anos anteriores, que infelizmente não teve. Estamos agora empenhados em promover uma execução de 100% em 2016 e vamos promover a recuperação do tempo perdido nos anos seguintes.

Para a intenção anunciada de chegar aos 100% de execução em 2016, aplicando 600 milhões de euros de fundos comunitários, que garantias existem

de que as dotações do Orçamento do Estado para co-financiamento serão suficientes?

A garantia é o próprio Orçamento do Estado, aprovado e em execução desde 31 de Março, que atribui ao Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural a dotação necessária para mobilizar plenamente os recursos comunitários previstos para 2016.

Considera que a reprogramação do co-financiamento estatal dos fundos comunitários, fixando-o em 15%, foi uma boa herança da anterior tutela?

Para países que enfrentam dificuldades orçamentais, como é o caso de Portugal, é importante que a taxa de co-financiamento seja a mínima possível e 15% é o valor mais baixo. Foi uma boa decisão do Governo anterior ter negociado essa taxa. Mais difícil de compreender foi a pretensão de aumentar para 20%, onerando o Orçamento do Estado em mais 40 milhões de euros por ano!

De acordo com informações comunicadas publicamente pelo Ministério, há cerca de 24 mil candidaturas a fundos comunitários à espera de análise. Quais as fileiras que mais têm procurado e mais precisam dos apoios do PDR 2020?

Perante um tão vasto número de candidaturas, torna-se difícil dizer que sectores tiveram maior procura. O certo é que todas as fileiras são muito importantes para

“

Todas as fileiras são muito importantes para o crescimento e o desenvolvimento da agricultura portuguesa.

Empreendedorismo e inovação são factores-chave para o desenvolvimento do sector, cada vez mais exigente e mais forte do ponto de vista da competição. Iniciativas como esta [do Crédito Agrícola] valorizam uma actividade que atrai para o sector agentes dinâmicos, cujo contributo é vital e cuja participação é fundamental alargar.



o crescimento e o desenvolvimento da agricultura portuguesa.

Um estudo recente do GPP mostra que as exportações portuguesas no sector primário têm aumentado, particularmente ao nível do complexo agro-alimentar. São os produtos agrícolas, a pesca e a agro-indústria apostas preferenciais da política portuguesa nesta legislatura?

A internacionalização destes sectores é uma das apostas do actual Governo. É por isso que estão abertas negociações com 23 países, tendo em vista a abertura desses mercados. O nosso objectivo é consolidar e reforçar as exportações, nomeadamente no que diz respeito ao sector hortofrutícola, que tem tido um desempenho notável ao nível da internacionalização.

O programa do Governo promete “atingir a auto-suficiência em valor até 2020”, no sector primário. Os fundos do PDR 2020 e os instrumentos políticos e de investimento existentes serão suficientes para concretizar esse objectivo, poder-se-á dizer, histórico?

A dinâmica de crescimento da agricultura e das suas exportações será potenciada pelos instrumen-

tos de política disponíveis, em particular o PDR 2020. Tendo em conta a trajectória de crescimento que tem vindo a ser traçada na última década, seguramente que podemos ter a ambição de alcançar esse objectivo.

Que papel atribui o Governo às instituições de crédito nacional na estratégia política delineada para incremento do sector primário?

Têm um papel fundamental quer na facilitação do acesso às linhas de crédito para acções de emergência para os sectores em crise, quer no financiamento de projectos de investimento aprovados, mas sem cobertura orçamental garantida em cada ano. Além do seu papel no processo de financiamento empresarial ligado ao sector agrícola.

Como valoriza esta iniciativa do Crédito Agrícola?

Valorizo de forma muito positiva. Empreendedorismo e inovação são factores-chave para o desenvolvimento do sector, cada vez mais exigente e mais forte do ponto de vista da competição. Iniciativas como esta valorizam uma actividade que atrai para o sector agentes dinâmicos, cujo contributo é vital e cuja participação é fundamental alargar.

Prémio CA 2016

Uma quadratura de um ciclo

Investigar, produzir, inovar, exportar e desenvolver o mundo rural são conceitos próprios da actividade agrícola, que têm protagonistas. Eis quatro casos, intimamente ligados ao Crédito Agrícola, que o Negócios em Rede ouviu.

PORTUGAL FRESH

Balança comercial equilibra-se

Nos últimos anos, o sector das frutas, legumes e flores “aumentou consideravelmente a sua capacidade exportadora”. E segundo Manuel Évora, presidente da Portugal Fresh, “caminha a passos largos para o equilíbrio da balança comercial”.

Números revelados pelo presidente da Associação para a Promoção das Frutas, Legumes e Flores de Portugal atestam o facto. Em 2010, ano da criação da Portugal Fresh, o sector exportava 65% do valor que importava. Em 2014, as exportações já atingiram os 92% e em Outubro de 2015 subiram para os 97%.

Falando de dinheiro, as exportações do sector estão hoje na ordem dos 1.100 milhões de euros. E Manuel Évora mantém firme o objectivo de atingir “os 2 mil milhões de euros em 2020”.

Contas feitas, o sector das frutas, legumes e flores representou já, em 2014, “2,5% das exportações totais da economia portuguesa e 23% de todo o sector agro-alimentar”, além de ser “responsável por 36% de todo o emprego na agricultura”.

Todo este crescimento não é dissociável do aparecimento da Portugal Fresh, congregando empresas e associações e funcionando como a marca-chapéu de Portugal, como sucedeu em Fevereiro, na capital alemã, na Fruit Logística, uma das maiores feiras mundiais do sector.

Por outro lado, segundo Manuel Évora, “as empresas profissionalizaram-se ainda mais e investiram consideravelmente em tecnologia de produção e inovação, aliada a uma representação internacional onde o marketing dos produtos passou a ser um investimento determinante”.

No futuro, além da procura de novos mercados, a Portugal Fresh vai também avançar com uma estratégia de comunicação

“que visa a promoção do consumo de frutas e legumes em Portugal”, onde se tem verificado uma baixa do consumo per capita.

TECMINHO

Apoio estatal melhorou

Com o QREN, o Estado assumiu “um papel preponderante ao criar instrumentos de financiamento que têm estimulado significativamente a aproximação do tecido empresarial às universidades”. Nas palavras de Pedro Silva, coordenador da TECMinho, haverá, contudo, ainda “uma lacuna no que diz respeito ao financiamento directo de centros de investigação para a demonstração da viabilidade técnica de tecnologias promissoras”.

A melhoria dos apoios tem sido crucial para a estrutura de investigação criada há 25 anos na Universidade do Minho e para o seu relacionamento com o mercado empresarial, num país marcado por “uma cultura de aversão ao risco, que está associada ao estigma social do fracasso e de resistência à mudança”.

Hoje, segundo Pedro Silva, “a maior parte das empresas já começa a entender melhor a realidade da investigação académica, mas ainda tem dificuldade em comprometer-se com risco”. Já “do lado das universidades, nem todos os investigadores têm motivação ou apetência para pensar a sua investigação de acordo com lógicas de mercado”.

No caso da Universidade do Minho, o panorama parece encaixado. “Só nos últimos dois anos, tivemos cerca de 200 empresas que nos contactaram para serviços/projectos de IDI (Investigação, Desenvolvimento e Inovação).”

Ao nível agrícola, a TECMinho tem colaborado com empresas do sector agro-alimentar, tal como tem abraçado “vários projectos que envolvem as áreas da biotecnologia, da biologia e da

química na melhoria de processos e de produtos vitivinícolas”.

FEDERAÇÃO MINHA TERRA

Financiamento é necessário

Crítica da “arquitectura que orientou a construção do Portugal 2020 no que respeita particularmente ao desenvolvimento rural”, Regina Lopes, presidente da Federação Minha Terra, bate-se agora num “processo negociado para atenuar ou mesmo contrariar algumas matérias”.

Isto porque, se a “mobilização de diferentes instrumentos comunitários” (FEADER, FEDER, FSE...) “poderia dar “resposta de forma integrada às necessidades e expectativas das comunidades locais”, na prática “essa articulação não se verificou”. Conclusão: “O resultado são mecanismos de financiamento incompletos e com dotações financeiras manifestamente insuficientes.”

O financiamento tem constituído um verdadeiro problema para as associações de desenvolvimento local, responsáveis pelo programa LEADER. Criada em 2000, a Federação procura agora “lançar muito rapidamente, as linhas de financiamento que os GAL/ADL irão gerir nos territórios rurais”.

Isto porque, segundo Regina Lopes, com a mudança de quadros comunitários de apoio, a “fase de transição revelou-se longa e dolorosa, provocando a ruptura e a fragilização de muitas iniciativas, situação que foi bastante agravada pelo contexto de crise em que temos vivido”.

Apesar das dificuldades, a Federação Minha Terra considera ter um saldo positivo na sua actividade. De acordo com a presidente, “nos Programas de Desenvolvimento Rural 2007-2013 do Continente e das Regiões Autónomas, que estão em fase de encerramento, a abordagem LEADER apoiou o desenvolvimento



O sector das frutas, legumes e flores representou já, em 2014, 2,5% das exportações totais da economia portuguesa e 23% de todo o sector agro-alimentar.



MANUEL ÉVORA,
presidente da Portugal Fresh

A maior parte das empresas já começa a entender melhor a realidade da investigação académica, mas ainda tem dificuldade em comprometer-se com risco.



PEDRO SILVA,
coordenador da TECMinho

Com a mudança de quadros comunitários de apoio, a fase de transição revelou-se longa e dolorosa, provocando a ruptura e a fragilização de muitas iniciativas, situação agravada pelo contexto de crise em que temos vivido.



REGINA LOPES,
presidente da Federação
Minha Terra

Uma atitude cada vez mais sofisticada, mais agressiva e reinventada para ‘enfrentar’ mercados de maior valor pelos produtores nacionais.



AMÂNDIO SANTOS,
presidente da PortugalFoods

de mais de seis mil projectos, que mobilizaram um investimento de cerca de 820 milhões de euros e permitiram a criação de cerca de sete mil empregos nas zonas rurais”.

PORTUGALFOODS

Agro-alimentar prospera

Sem falsas modéstias, Amândio Santos considera que, no crescimento das exportações portuguesas do sector agro-alimentar, a “PortugalFoods tem uma quota-parte de responsabilidade”. À qual acresce uma atitude “cada vez mais sofisticada, mais agressiva e reinventada para ‘enfrentar’ mercados de maior valor” por parte dos produtores nacionais.

Ainda assim, para o presidente da associação formada por empresas, por entidades do sistema científico e tecnológico nacional e por entidades regionais e nacionais, o sector agro-alimentar depara-se com “desafios de processo, de comunicação e de contexto externo”.

Ou seja, “há ainda desafios de escala, face à dimensão nacional e capacidade produtiva disponível em determinados subsectores do agro-alimentar”, a par da necessária “continuidade da credibilidade da marca Portugal e da sua consolidação a nível internacional”.

Por outro lado, Amândio Santos reconhece haver “algumas barreiras que não foram ultrapassadas, nomeadamente alguns mercados em que Portugal não está ainda habilitado para exportar”.

Apesar dos desafios, o sector agro-alimentar nacional tem prosperado. Dados provisórios de 2015 dão conta de que “nas indústrias alimentares, bebidas e tabaco, as exportações representam 7,2% na economia”, o que, segundo Amândio Santos, “é mesmo a constatação de evolução ascendente ao longo dos últimos anos”.

Três anos a fomentar inovação

De terra em terra, o Crédito Agrícola promoveu seminários e premiou alguns dos projectos mais inovadores surgidos no sector primário. Este ano há mais.

Maternidades de ostras ou rações à base de insectos alimentados com resíduos agro-industriais são ideias talvez mais arrojadas do que aproveitar restos de fruta para fazer tisanas ou criar um equipamento portátil capaz de analisar 20 amostras de vinho por hora. Mas todos estes projectos têm algo em comum: foram distinguidos pelo Crédito Agrícola, na edição de 2015 do Prémio Empreendedorismo e Inovação.

Ano após ano, a qualidade dos projectos apresentados a concurso tem surpreendido. Em parceria com a INOVISA – a estrutura criada pelo Instituto Superior de Agronomia para apoiar docentes, investigadores e alunos a criarem o seu projecto empresarial – o Crédito Agrícola tem respondido à inovação surgida com um aumento no âmbito das candidaturas e do valor dos prémios.

Contas feitas aos cheques, na primeira edição, o valor total dos prémios foi de 25 mil euros. Subiu, no ano seguinte, para 32,5 mil euros e chegará aos 40 mil este ano. Além, claro está, das linhas de crédito a que os projectos distinguidos podem aceder.

Mais do que os 5 mil euros para cada projecto vencedor e dos 2.500 para cada menção honrosa, o interesse crescente do Prémio Empreendedorismo e Inovação levou o Crédito Agrícola a aumentar o número de categorias e a abranger a fileira do mar, desde a edição do ano passado.

Edições

Uma generosa colheita de candidaturas marcou a primeira edição do Prémio Empreendedorismo e Inovação Crédito Agrícola, em 2014: apresentaram-se 133, doze das quais foram seleccionadas como finalistas.

Com uma revisão das categorias existentes, como seja a criação da de “Jovem Empresário Rural”, a edição de 2015 alargou também a sua abrangência à fileira do mar, além das da agricultura, agro-indústria e floresta.

Candidataram-se 102 projectos, divididos pelos sectores agrícolas (56%), agro-industrial (37%), da conservação ambiental (22%), pecuário (11%) e silvícola (7%). Os restantes 12% das candidaturas enquadraram-se noutras áreas de actuação ao nível do sector primário.

Para a escolha dos vencedores, o júri levou a cabo um processo de selecção envolvendo critérios como o grau de inovação (com uma ponderação de 30%), relevância (20%), impacto e potencial de mercado (30%) e sustentabilidade (20%).

Seminários

Os ciclos de seminários que o Crédito Agrícola organizou nos dois últimos anos estiveram destinados a empresários, agricultores, produtores e entidades do sector e percorreram Portugal de lés a lés. Em 2014, além de debaterem as oportunidades futuras relativamente à inova-

ção, os encontros serviram também para a apresentação das medidas previstas no 8.º Quadro Comunitário de Apoio.

Já no ano passado, o tema central do ciclo de seminários foi o empreendedorismo. Nove localidades acolheram os seminários do Crédito Agrícola, na primeira edição: Alcobaca, Seia, Vila do Conde, Ponta Delgada, Vila Real, Albufeira, Santiago do Cacém e ainda Maia e Lisboa, onde decorreram os encontros de âmbito nacional.

Em 2015, o périplo prosseguiu. Viana do Castelo, Évora, Faro e Figueira da Foz acolheram os seminários de âmbito regional, o Porto recebeu o encontro inicial de um ciclo que encerrou no final do ano, em Lisboa, com a entrega dos prémios dos projectos vencedores do Prémio Crédito Agrícola Empreendedorismo e Inovação na agricultura, agro-indústria, floresta e mar.



2014 – VENCEDORES POR CATEGORIAS

INOVAÇÃO EMPRESARIAL

Clean Biomass - Ferramenta Clean-R1 que permite a limpeza de floresta em terrenos abandonados e a recuperação de biomassa arbustiva para produção energética.

INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Produção Ecológica de Fibras Têxteis - Projecto de investigadores da Universidade do Algarve para conversão de celulose em fibras têxteis.

EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO SOCIAL

Fruta Feia - Cooperativa de consumo sem fins lucrativos que ajuda agricultores a escoar a parte da sua produção hortofrutícola rejeitada pela aparência.

AGRICULTURA FAMILIAR E MICRO EMPRESAS

Produção de Forragem Verde Hidropónica - Produção mais rápida, barata e sustentável de biomassa vegetal saudável para alimentação animal.

PROJECTOS DE ELEVADO POTENCIAL PROMOVIDO POR ASSOCIADOS DO CA

Máquina Autónoma de Classificação de Colheita Automática de Fruta - Equipamento da Universidade de Coimbra para colher e classificar frutos, adaptável a diferentes tipos de pomares e condições de terreno.

2015 – VENCEDORES POR CATEGORIAS

PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Mirabilis - Produção, em ambiente de maternidade, de juvenis com semente de ostra portuguesa.

COMERCIALIZAÇÃO

Atlantic Sun Farms - Produção de diferentes variedades de batata-doce com recurso a novas soluções de maquinaria agrícola, processamento e armazenamento.

INOVAÇÃO EM PARCERIA

Wjinove - Utilização da tecnologia Wine-on-Valve (WoV) para a análise multiparamétrica do vinho, com um único equipamento portátil e de dimensões reduzidas.

JOVEM EMPRESÁRIO RURAL

SmartBee - Ferramenta on-line para os apicultores observarem o desenvolvimento da colónia, identificando níveis de actividade, mudanças no enxame, condições atmosféricas, desenvolvimento das colmeias, além de um sistema de detecção de roubo.

PROJECTOS DE ELEVADO POTENCIAL PROMOVIDO POR ASSOCIADOS DO CA

Genosuber - Projecto de sequenciação total do genoma do sobreiro, através de análise bioinformática, visando a sustentabilidade dos montados.



PRÉMIO
EMPREENDEDORISMO
E INOVAÇÃO
CRÉDITO AGRÍCOLA

AGRICULTURA
AGRO-INDÚSTRIA
FLORESTA E MAR

3ª EDIÇÃO | 2016

PUBLICIDADE 03/2016

O FUTURO NASCE NO PRESENTE

Com o Prémio Empreendedorismo e Inovação, o Crédito Agrícola pretende distinguir, pelo 3º ano consecutivo, aqueles que começam hoje a investir no seu futuro, com novos projectos de negócio e ideias inovadoras nos sectores da agricultura, agro-indústria, floresta e mar.

Porque estamos com estes sectores há mais de 100 anos e os conhecemos em profundidade, sabemos, desde sempre, que são fundamentais para acrescentar valor e fazer crescer a economia portuguesa.



6 PRÉMIOS DE €5.000 | 4 MENÇÕES HONROSAS DE €2.500

Categorias

- Produção e Transformação
- Comercialização e Internacionalização
- Investigação e Desenvolvimento Tecnológico
- Desenvolvimento Rural
- Jovem Empresário Rural
- Projectos de Elevado Potencial promovidos por Associados do Crédito Agrícola

Informações, Regulamentos e Candidaturas:
www.creditagricola.pt ou em www.premioinovacao.pt

Ciclo de Seminários

“Empreendedorismo na Agricultura, Agro-Indústria, Floresta e Mar”

- Vila Nova de Gaia 1 de Abril
- Bragança 15 de Abril
- Castelo Branco 29 de Abril
- Portalegre 18 de Maio
- Tavira 22 de Junho
- Lisboa Novembro

Inscrições abertas | Gratuitas | para: comunicacao@creditagricola.pt ou 213 805 532
Programa em www.premioinovacao.pt

Apoio Institucional:



Organização:



Crédito Agrícola

O Banco nacional
com pronúncia local

Desde 1911